

O ENSINO SIMULTÂNEO DE LITERATURA E GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Gabriel Max do Prado Nogueira
Rafaela Goulart Lopes

RESUMO

O objetivo deste artigo é conscientizar e promover uma prática de ensino que ensine literatura e a gramática em conjunto, sem trabalha-las de maneira dicotômica, afinal uma é dependente da outra e talvez, se ensinadas em conjunto, pode vir a ajudar os alunos a perceberem a importância de ambos no contexto social e não apenas escolar.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema se deu por entender a importância do ensino de gramática, com uma abordagem que desperte o interesse dos alunos dentro das escolas.

A gramática vem sendo ensinada, ano após ano, quase que de maneira robótica e ortodoxa aos alunos, por meio de explicações com pouquíssimas ou nenhuma interação e, posteriormente, realização de exercícios de fixação que não evidenciam nem despertam aos alunos onde aquelas atividades, descontextualizadas, se aplicariam.

Desse modo, a consequência dessa postura é a falta de espaço para a reflexão acerca dos fenômenos gramaticais (o porquê daquele advérbio, do emprego de determinado tempo verbal, etc).

A escola recebe o aluno com um saber linguístico prévio limitado à oralidade e não o leva a desenvolver este potencial (BECHARA 2006). Afinal de contas, este aluno acaba perdendo o interesse pela disciplina e não se atenta, ou até mesmo percebe, sua importância.

De acordo com Martins (2011) ainda é grande o número de escolas e professores que segue um modelo de ensino que já muito tempo se mostra ineficaz e antiquado. Busca-se então uma nova técnica de como ensinar, principalmente a

gramática, de modo em que os alunos se sintam entusiasmados e interessados, ou que ao menos sejam capazes de enxergar aplicações futuras dos temas trabalhados em sala de aula.

É necessário contextualizar todas as regras gramaticais e incorporá-las de forma natural na vida de nossos alunos. O estímulo para este artigo é a dificuldade que muitos professores carregam no ensino da gramática, alguns até por não conseguirem se desvincular de práticas antigas e já consolidadas e, além disso, a forte resistência de aprendizagem por parte dos alunos.

A fim de pensar em como a gramática seria melhor ensinada, neste trabalho serão analisados alguns exercícios linguísticos, apresentados em livros didáticos, voltados ao ensino médio, apontando seus prós e contras, bem como, introduzir-se-á uma nova abordagem que visa aperfeiçoar a prática de ensino em questão, tornando-a melhor aos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino da Língua Portuguesa no modelo da escola tradicional, que predomina no Brasil, baseia-se em atividades passivas e mecânicas, em que são trabalhadas frases soltas, muitas vezes descontextualizadas, fazendo com que o aluno não se interesse pelo conteúdo e nem perceba em que situações cotidianas os usos gramaticais se aplicam. Uma simples busca nos livros didáticos nos mostra clara e facilmente que a maioria dos exercícios não possuem ligação com algum tema, por exemplo, uma frase em que se pede para que o aluno faça uma análise sintática fala sobre assuntos diversos que nem ao menos discursam entre si.

É certo que, atualmente, enfrentamos uma crise no ensino da gramática nas escolas, em que os educadores preocupam-se mais com o uso normativo da língua e com a nomenclatura das estruturas, deixando de contextualizá-las. Antunes estabelece uma crítica sobre esse tipo de ensino:

[...] uma gramática descontextualizada, [...] desvinculada dos usos reais da língua escrita ou falada na comunidade do dia a dia; uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função [...]; uma gramática da irrelevância, com primazia em questões sem importância para a competência comunicativa dos falantes. [...]; uma gramática das excentricidades, de pontos de vista refinados, mas,

muitas vezes, inconsistentes, pois se apoiam apenas em regras e casos particulares que [...] estão fora dos contextos mais previsíveis de uso da língua; uma gramática voltada para nomenclatura e a classificação das unidades [...], uma gramática prescritiva preocupada apenas com marcar o “certo” e o “errado” [...]. (ANTUNES, 2003, p.31-33).

Nesse modelo, a abordagem da área se restringe a atividades mecânicas, seja porque alguns professores ainda admitem a gramática como uma prática normativa ou porque não sabem como ministrar conhecimentos linguísticos de outra maneira. Complete, classifique e destaque são algumas das palavras isoladas encontradas nas aulas de gramática e, geralmente, não são aplicadas de maneira funcional.

Antunes (2003, p.32) aponta uma crítica sobre as aulas de gramática, sendo estas muito estreitas. As únicas capacidades adquiridas por parte dos alunos seriam a de reconhecer as estruturas da língua e saber nomeá-las. Porém, a nomenclatura é a parcela menos versátil da língua e a mais distante dos falantes e, talvez por isso, seja mais simples ensinar dessa forma.

Portanto, o estudo da gramática não deve ser isolado, mas deve-se pensar em uma atividade que conceba a língua como sendo o seu alicerce, por meio de exercícios gramaticais que proporcionem um vasto domínio para argumentar e raciocinar. Desse modo, os falantes terão mais recursos da língua para adequar a cada situação comunicativa. Quando a construção comunicativa do aluno é levada em consideração, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais prazeroso.

“Não é adequado separar linguagem de seu conteúdo ideológico ou da própria vida, já que ela se constitui pelo fenômeno social da interação verbal concretizada através da enunciação, que é um diálogo”. (VAZ; BARROS; PINTO, 2014)

Ou seja, a literatura acima de tudo ajuda na formação e compreensão cultural do aluno, uma vez que usada e ensinada em conjunto com a gramática o aluno percebe a importância e aprenderá de forma mais completa e contextualizada o uso de ambas, tal como a importância individual e conjunta, afinal de contas é impossível aprender Linguística sem Literatura e vice-versa. Ao estudar Linguística usamos

como base textos literários e ao analisar textos literários é imprescindível o uso da Linguística, tempos verbais, modos e etc influenciam fortemente na análise literária.

Em todas as escolas e textos literários há uma visão do mundo e da sociedade. Por isso, é necessário que a Literatura seja analisada em sala de aula tanto do ponto de vista gramatical quanto metalinguístico, ou seja, a literatura pela literatura e também no contexto cultural.

No que diz respeito a literatura e aos hábitos de leitura no ambiente educacional,

as discussões sobre a formação efetiva de leitores e escritores competentes surgem com muita frequência. A sociedade também apresenta certa preocupação com a leitura e a escrita à medida que os pais ouvem de seus filhos, sem constrangimento algum, que não gostam e não querem ler, principalmente, se o assunto é a leitura obrigatória ditada pela escola. Muitas dessas leituras obrigatórias não são feitas pelos alunos, que preferem buscar resumos a ler os livros [...]., (PERES, 2013, p.23)

E quando feitas, algumas o são de maneira absolutamente mecânica e não se absorve conteúdo algum, afinal o único objetivo deles é obter uma nota satisfatória nas avaliações de verificação de leitura em salas de aula. Nos tempos atuais, busca-se o início do processo de alfabetização, ou seja, o aprendizado de leitura e escrita, cada vez mais cedo, porém “não há, infelizmente e de maneira geral, a preocupação com a sua plena efetivação. Logo, frequentemente, também não se chega ao letramento”. (MARTINS, 2014, p.20)

É importante retomar que a alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação, já o letramento, por sua vez, consiste no real e mais profundo entendimento do texto, não apenas em seu nível superficial, mas na adequada compreensão de sua mensagem e sentido.

Os alunos são mal preparados para leitura e acabam não desenvolvendo apego ao exercício da leitura. O desinteresse se dá pela falta de sensibilização, contextualização, de ludicidade e de incentivos por parte de alguns professores, principalmente em se tratando dos cânones literários. (MARTINS, 2014)

“A literatura tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco [...]” (CANDIDO)

Podemos usar como referência alguns exercícios de livros didáticos:

Considere o sentido e a função que as palavras apresentam nos seus respectivos contextos. Depois, classifique-as como substantivos ou adjetivos.

- a) Um homem **velho** pedia esmolas na rua.
- b) Um **velho** pedia escolas na rua.
- c) Um homem **cego** precisava de ajuda para atravessar a rua.
- d) Um **cego** precisava de ajuda para atravessar a rua.
- e) Um velho **cego**, de óculos escuros, parado diante de mim.
- f) Um cego, **velho**, de óculos escuros, parado diante de mim.

Identifique os recursos de linguagem utilizados pelo poeta.

1. *Esse olhar que o fitou, o acordou para a vida!*
A luz que nele viu deu-lhe a dor que ora o assombra,
Como o sol que traz a luz e, depois, deixa a sombra...

- a) “Esse olhar (...) **o acordou**”
- b) “Como o sol que traz a **luz** e, depois, deixa a **sombra**”

2. *Esta vida é um punhal com dois gumes fatais;*
Não amar é sofrer; amar é sofrer mais!

- a) “Está vida é **um punhal**”
- b) “**não amar é sofrer; amar é sofrer mais!**”

Observamos claramente que os exercícios não dialogam entre si, além de serem exemplos totalmente descontextualizados, muitas vezes não é autêntico para o aluno.

O professor deveria buscar textos autênticos, ou seja, textos que condizem com a realidade de seus alunos, o que ajudaria nas pesquisas e no aprendizado. O docente pode fazer uso dos materiais, mesmo que informais.

As leituras que sempre são propostas anualmente podem ser usadas como ferramentas no aprendizado de gramática. Os exemplos podem ser retirados dos livros que estão sendo trabalhados na matéria de Literatura, tornando a aula mais próxima dos discentes e os exercícios muito mais autênticos, afinal, a partir do momento em que o livro está sendo lido, discutido e interpretado, passa a fazer parte da realidade do aluno, todos as resoluções feitas em aula mostrará para os alunos que a gramática está junto da literatura, mesmo que de imediato não seja tão perceptível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas propostas pedagógicas contemporâneas, o conceito de educação tornou-se mais abrangente. Busca-se a preparação do indivíduo a fim de atender suas necessidades pessoais e desafios sociais diante de um mundo em constante mutação. Neste contexto desafiador, o professor, com o apoio de tecnologias digitais, pode criar um ambiente mais dinâmico, gerando, assim, uma educação consideravelmente mais autônoma, capacitada, criativa e participativa.

No entanto, nas escolas brasileiras, clara e visivelmente ainda está em vigor a metodologia, exclusivamente, expositiva. Tal condição cria o risco da não aprendizagem, já que não existe um diálogo real entre o aluno e seu objeto de conhecimento, tornando o método adotado pouco satisfatório à formação pretendida. A exposição verbal da matéria, exercícios que não passam da memorização e/ou fixação do conteúdo, leitura de livros didáticos fazem com que os alunos percam o interesse pelo aprendizado.

O aluno recebe tudo pronto e sem incentivos à pesquisa, questionamento ou problematização, e assim finda por desinteressar-se. Some-se a tudo isso a frágil escolha dos temas trazidos pelo professor quase sempre fugindo à realidade do educando, fazendo com que ele não se sinta motivado a aprender e produzir novos conhecimentos.

A inadaptação da escola à sociedade moderna é denunciada de um tripló ponto de vista: econômico, sócio-político e cultural. A escola transmite um saber fossilizado que não leva em conta a evolução rápida do mundo moderno; sua potência de informação é fraca comparada à dos *mass media*; a transmissão verbal de conhecimentos de uma pessoa para outra é antiquada em relação às novas técnicas de comunicação: a produtividade econômica da escola parece, assim, insuficiente. Do ponto de vista sócio-político, reprova-se a escola por visar à formação de uma 2 elite, enquanto as aspirações democráticas se desenvolvem nas sociedades modernas, e por não ser mesmo mais capaz de formar essa elite, na medida em que o poder repousa, agora, mais sobre a competência técnica do que sobre essa habilidade retórica à qual a escola permaneceu ligada. Enfim, a escola, fundamentalmente conservadora, assegura a transmissão de uma cultura que deixou de tornar inteligível o mundo em que vivemos e que desconhece as formas culturais novas que tomam cada vez mais lugar em nossa sociedade. A escola, fechada em si mesma, rotineira, prisioneira de tradições ultrapassadas, vê-se assim acusada de ser inadaptada à sociedade cultural (CHARLOT, 1976, p.151).

Ao trabalhar a leitura de um livro, por exemplo, estaremos estimulando nossos alunos com comentários e proposições, feitos aula a aula, a fim de estimulá-los a buscarem, cada vez mais, o contato com o texto. Assim, lançaremos mão desde atividades por meio de mídias digitais, a jogos e comentários em redes sociais que podem ocorrer em sala de aula ou em suas casas, até mesmo com debates e exposições de pontos de vista, problematizações e exposições dialogadas do cotidiano para que eles se sintam inseridos no universo com o qual o livro em questão está lidando.

Embora muitos docentes não possuam muita afinidade em trabalhar com tecnologias, como o uso de internet, computadores, tablets, redes sociais e até mesmo aparelhos celulares, tais pressupostos estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) referentes à Língua Portuguesa, desde 1998: “A presença crescente dos meios de comunicação na vida cotidiana coloca, para a sociedade em geral e para a escola em particular, a tarefa de educar crianças e jovens para a recepção dos meios” (BRASIL, 1998, p. 89).

Nesse sentido, desenvolvemos uma proposta neste artigo apresentado, buscando somar novas experiências às propostas dos PCN no que se refere à formação de receptores críticos e autônomos e, também, no que se refere à

produção de trabalhos, utilizando diversas mídias, a fim de cumprir com o propósito da LDB, que visa proporcionar uma educação tecnológica básica.

A língua portuguesa é instrumento de comunicação e, uma vez que a comunicação atual não é apenas verbal ou escrita tradicional, mas também por meio das mídias, como internet e por uso de aplicativos eletrônicos de trocas de mensagens e similares, deve-se também adotar uma metodologia que inclua a necessidade e realidade dos alunos em meio aos tópicos e deveres curriculares com o intuito de estimular seus esforços e iniciativas. Assim, o professor

- I. Destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;
- II. Adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes (BRANDÃO, 2009, p. 38).

Desta maneira, o papel do professor é identificar uma boa leitura, ou seja, um livro que seja indicado à faixa etária com a qual está trabalhando, buscando relacioná-lo com contexto social e cultural de sua turma e cuja linguagem e gostos dos alunos estejam na leitura representados. Deve também haver uma sensibilização acerca do tema do livro escolhido, relacionando-o com os temas transversais. Periódicos comentários com os alunos sobre o livro funcionarão como incentivo à leitura e, por fim, a avaliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro & Interação.** 2. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática.** Opressão? Liberdade?. 12.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB: passo a passo – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** São Paulo: Avercamp, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica:** realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1976.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos:** O direito à Literatura. São Paulo: Ouro sobre azul, 2011.
- ETAPA. 9º ano: ensino fundamental: volume 2 / organização Editora Núcleo. 1ª. Ed. São Paulo, 2017.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam 49ª edição, São Paulo, Cortez, 2008.
- _____. **Comunicação e extensão?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. **Pedagogia do oprimido.** 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- LAJOLLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo,** 6ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2000.
- _____. **Literatura:** leitores e leitura. São Paulo: Moderna,2001.
- MARTINS, Valéria Bussola; VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. **O despertar para a leitura por meio de mídias digitais.** 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Cacilda Lages. **Significado e contribuições da afetividade, no contexto da Metodologia de Projetos, na Educação Básica.** Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, MG: CEFET-MG, 2006.

PERES, Anne Cristina Barbosa. **O Cânone Vicentino nas Mídias Digitais:** Um Processo de Reescrita Pela Ótica da Educação Básica. São Paulo, 2013.

TOCAIA, Luciano Magnoni. **Por uma análise semiótica do discurso:** procedimentos de tematização e figurativização em livros didáticos brasileiros e franceses. São Paulo, 2014.

VAZ, Milsa Duarte Ramos; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de; PINTO, Maria Leda. Ensinar a gramática por meio dos textos: um grande desafio. **Diálogos Educacionais em Revista**, Campo Grande, v. 5, n. 2, p.1-23, dez. 2014